

## **ESTRATÉGIAS PARA O APERFEIÇOAMENTO DA PRODUÇÃO TEXTUAL: o resumo em foco**

Blaise Keniel da Cruz Duarte - UNIVALI  
Adair de Aguiar Neitzel - UNIVALI

Sei que estou contando errado, pelos altos.  
Desemendo. (...) Contar seguido, alinhavado,  
só mesmo sendo as coisas de  
rasa importância.

Grande Sertão: Veredas

Riobaldo expressa nas frases acima uma angústia no ato de narrar: a dificuldade de contar um fato objetivamente, de resumir, de sintetizar. Ao nos expressarmos oralmente como faz o protagonista de *Grande Sertão: Veredas*, não nos preocupamos com essa questão, porque a fala cotidiana nos permite a explosão de subjetividades, que ocorre no cruzamento de várias linguagens, entre elas a corporal. No entanto, quando nos deparamos em situações formais e/ou situações em que precisamos usar a linguagem escrita de forma sucinta, a premissa formulada pelo Tatarana não se aplica, pois necessitamos traduzir de forma concisa nossas idéias, processo que exige do sujeito uma operação mental diferente da que demanda, por exemplo, a fala oral. A exposição abreviada de uma sucessão de acontecimentos pede um exercício sistemático de limitação e, portanto, de exclusão de informações que não prejudique a visão completa do objeto em estudo, num movimento de transformação e concentração do texto.

Preocupadas pelos freqüentes relatos dos acadêmicos sobre as dificuldades em efetuar esse exercício, como também pelas observações dos professores que constatarem tais dificuldades e evidenciam suas próprias dúvidas, pedindo auxílio nas propostas que exigem o resumo escrito, por meio de atividades de integração entre as disciplinas ministradas por eles e as da área da Língua Portuguesa, buscamos investigar quais as atividades pedagógicas que poderiam possibilitar uma melhoria no exercício de produção de textos.

Partindo do pressuposto que a leitura é um processo que necessita ser levado em conta quando falamos de produção textual, pois ela própria é um ato de produção, e que por meio dela ampliamos as possibilidades de estabelecimento de intertextualidades, as quais enriquecem o texto e lhe dão mais abertura, iniciamos as atividades pela leitura de textos e posteriormente aplicamos técnicas de elaboração de resumos, enfocando aqui, especificamente, a técnica de formulação de tópicos frasais.

Tendo em vista as especificidades de cada tipo de produção textual, neste artigo diferenciaremos resumo de resumo técnico-científico e de síntese pessoal. Nossa preocupação inicial foi responder às indagações de acadêmicos as quais são

sintetizadas com as seguintes perguntas: O que é resumir? É copiar as partes mais importantes de um texto? É esquematizar um texto? É escrever o que entendeu resumidamente? É escrever com as nossas palavras o que lemos? Por outro lado, temos os docentes que não são da área de Língua Portuguesa, e que lidam com esse tipo de texto diariamente, que buscam formas de ensinar a resumir. Para atender a esses dois grupos, inicialmente passaremos em revista alguns conceitos acerca do que é resumir.

## **1 Resumo: conceitos e estratégias**

Muitas são as discordâncias acerca do como ensinar o resumo, e elas têm origem nas concepções de resumo. Por isso, acreditamos que o ponto de partida deva ser destacar alguns conceitos nos quais nos respaldamos teoricamente. Granatic (1999, p. 170) especifica que “no resumo não devem constar idéias secundárias, detalhes de menor importância e exemplos. Ele deve ser somente constituído dos elementos indispensáveis para compreensão das idéias básicas do texto.” Severino (2002, p. 131) acrescenta que o resumo do texto é “uma síntese das idéias e não das palavras do texto. Resumindo um texto, o estudante mantém-se fiel às idéias do autor sintetizado.” Na seqüência, Severino chama atenção para o conceito de resumo técnico-científico, o qual não pode ser confundido com o simples resumo de um trabalho didático.

Medeiros (2000, p. 34) enfatiza que o exercício do resumo é um instrumento que auxiliará o sujeito não apenas na atividade redacional como também na atividade de leitura, pois “um leitor que é capaz de resumir um texto com suas próprias palavras demonstra ter compreendido as idéias nele expostas. A leitura envolve: compreensão, análise, síntese, avaliação, aplicação.”

Sendo o resumo uma redução do texto original, que capta suas idéias essenciais, resumir não pode ser confundido com o ato de reproduzir frases ou partes de frases do texto original, mas, sim, apresentar, com redação própria, os pontos relevantes de um texto. Este tipo de texto requer do acadêmico competências de leitura, análise e interpretação, e por isso o resumo é visto como um ótimo exercício para o desenvolvimento da competência da leitura, além de ser um instrumento eficaz para o amadurecimento intelectual do estudante, pois o conduz à reflexão. O leitor assim se coloca como se estivesse frente à fita de *moebius*, uma vez que para resumir, ele necessitará compreender o lido, e a compreensão é realizada pelo próprio exercício do resumo. Por isso, recorreremos também a Severino (2002, p. 47-61) que sistematiza as diretrizes para a leitura, análise e interpretação de textos as quais auxiliam na elaboração dos trabalhos acadêmicos. Este autor afirma que a análise textual consiste em buscar dados e vocabulário, fazer um plano geral marcando e esquematizando as idéias relevantes; na análise temática pretende-se identificar o tema, a

problematização, os pensamentos, o raciocínio, a argumentação, a idéia central e as idéias secundárias; e, por meio da análise interpretativa se estabelece uma aproximação, associação, comparação das idéias, interpreta-se o discurso do autor.

O objetivo destas diretrizes consiste em aprimorar e facilitar os processos que envolvem o ato de ler e escrever, para melhorar o desempenho dos acadêmicos como produtores de resumos e de outros trabalhos acadêmicos. É uma indicação de como encaminhar um estudo de texto dirigido. Abaixo, apresentamos, de forma objetiva, as diretrizes de leitura apresentadas por Severino, que indicam, passo a passo, como chegar à síntese.

#### **Análise Textual**

- Fazer leitura completa do texto em estudo – visão de conjunto do raciocínio do autor
- Assinalar os pontos passíveis de dúvida e que exigem esclarecimentos
- Fazer levantamento de todos os elementos básicos para a compreensão do texto
- Buscar dados a respeito do autor
- Levantar os conceitos, os termos, fatos históricos, outros autores citados, outras doutrinas que sejam fundamentais para a compreensão do texto
- Eliminar as ambigüidades dos conceitos
- Realizar pesquisa prévia no sentido de se buscar os informes
- Esquematizar o texto - organiza a estrutura redacional do texto

#### **Análise temática**

- Compreender a mensagem global veiculada na unidade
- Apreender o conteúdo da mensagem sem intervir nela
- Fazer uma série de perguntas cujas respostas fornecem o conteúdo do texto
- Captar a perspectiva de abordagem do autor e a problematização do tema
- Revelar a idéia central, proposição fundamental ou tese
- Perceber o raciocínio, a argumentação do autor e a estrutura lógica do texto
- Verificar as idéias secundárias – subtemas e subteses

#### **Análise interpretativa**

- Ler nas entrelinhas
- Tomar uma posição própria a respeito das idéias enunciadas no texto
- Explorar toda a fecundidade das idéias expostas
- Dialogar com o autor
- Situar o autor no contexto mais amplo
- Buscar uma compreensão interpretativa do pensamento exposto e explicitar os pressupostos que o texto implica
- Estabelecer aproximação e associação das idéias expostas no texto com outras idéias semelhantes
- Formular um juízo crítico quanto à coerência interna, originalidade, alcance, validade,

relevância e contribuição

### **Problematização**

- Levantamento de problemas relevante, de questões explícitas ou implícitas para a reflexão pessoal e para discussão em grupo

### **Síntese**

- Elaboração pessoal, construção lógica, exercício de raciocínio

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. rev. e ampl. de acordo com a ABNT. São Paulo: Cortez, 2002.

Estas diretrizes de leitura, ao permearem os encontros e as produções de textos, sistematizam o ato de ler, atribuindo ao sujeito leitor a responsabilidade de buscar no texto os indícios que corroboram com a sua interpretação textual, dificultando equívocos de interpretação pessoal, liderados pela pura imaginação do leitor. Segundo ECO (2003, p. 12), o texto nos convida à liberdade de interpretação, mas a leitura “nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade de interpretação”, reforçando que não podemos ler no texto aquilo que queremos, “lendo aquilo que nossos mais incontroláveis impulsos nos sugerirem”, é preciso que respeitemos aquilo que Eco chama de “intenção do texto”.

Ao nos enveredarmos na perseguição da intenção do texto, passamos a conhecer os seus interstícios, mapeamos suas intertextualidades, efetuamos uma leitura relacional que encaminha à síntese pessoal. Apesar de o dicionário nos apontar o resumo como sinônimo de síntese, gostaríamos de indicar algumas diferenças entre esses dois textos, baseados nos estudos de Severino (2002). Para ele, a síntese pessoal é garantia de amadurecimento intelectual, e por isso é um valioso exercício de raciocínio que tem como tônica a “discussão da problemática levantada pelo texto, bem como a reflexão a que ele conduz”, processo que conduz o leitor a uma fase de elaboração pessoal, que é a síntese. Segundo Severino (2002, p. 58), “a leitura bem-feita deve possibilitar ao estudioso progredir no desenvolvimento das idéias do autor, bem como daqueles elementos relacionados com elas.” A síntese exige do leitor um exercício de leitura crítica, de interpretação semiótica, e esta é um estágio de leitura que depende da interpretação semântica, aquela leitura de reconhecimento do texto e de mapeamento dos principais pontos abordados, de desvelamento da idéia central da proposição fundamental do texto.

O resumo exige do sujeito logicidade, clareza, objetividade, propriedade e fluência verbal, colaborando para a efetivação da prática textual, e por essas razões resumir não se trata de apenas reduzir os textos originais ou reunir seus tópicos frasais em novos parágrafos. Para Medeiros (2000), as regras mais comumente aplicadas para

a prática do resumo são: apagamento de elementos supérfluos, generalização de idéias particulares, registro de informações de ordem geral e invenção ou construção de frases. Essa compreensão do resumo parece um pouco redutora, uma vez que não abrange a complexidade do ato, pois não considera todo o processo apontado por Severino, de análise textual, temática, interpretativa, problematização e síntese. Resumir é muito mais do que apagar idéias secundárias e extrair as principais, pois o resumo revelará se os conteúdos enfocados no texto foram assimilados, compreendidos.

## **2 O resumo técnico-científico: tecendo algumas considerações**

O resumo técnico-científico, que se limita a um parágrafo e é seguido de palavras-chave, tem objetivo bem distinto do resumo de um texto, uma vez que tem a função de apresentar, de forma concisa e precisa, o conteúdo do texto que o segue, seja um relato de experiência ou um artigo de cunho científico. Sua finalidade específica é de situar o leitor a respeito da temática, objetivos, procedimentos metodológicos, eixos e resultados da investigação efetuada, sem conter opiniões ou observações avaliativas, nem desdobramentos explicativos.

A NBR 6028 estabelece que o resumo deve dar preferência ao uso da terceira pessoa do singular e do verbo na voz ativa, no entanto, é comum, em determinadas áreas das Ciências Humanas, ser usada a primeira pessoa do singular ou a terceira pessoa do plural. Quanto à sua extensão, a NBR 6028 (ABNT, 2003) define:

- para notas e comunicações breves: 50 até 100 palavras;
- para monografias e artigos de periódicos: de 100 até 250 palavras;
- para relatórios e teses: de 150 até 500 palavras.

Indicamos que um bom exercício para a redação de resumos técnico-científicos é, mediante um resumo dessa natureza, responder as seguintes questões (SEVERINO, 2002 p. 173):

- De que natureza é o trabalho analisado?
- Qual o objeto estudado/pesquisado?
- O que se pretendeu demonstrar ou constatar?
- Em que referências teóricas se apoiou o desenvolvimento do raciocínio?
- Mediante quais procedimentos metodológicos se procedeu?
- Quais os resultados conseguidos em termos de atingimento dos objetivos propostos?

O bom senso sugere que sejam evitadas citações diretas. O resumo-técnico científico tende a favorecer uma visão global do artigo que o segue, sendo uma excelente ferramenta para esclarecer o leitor sobre a conveniência de consultar o texto integral. Pode-se admitir que toda escrita oferece linhas de fuga, porque a língua

sempre é portadora de sentidos, é um sistema multivalente cujos sentidos formigam; no entanto, o resumo técnico-científico precisa se despir das ambigüidades e, de forma muito breve, apresentar o mote central da investigação.

### 3 O resumo em sala de aula: passo a passo

Como as estratégias de ensino para a constituição do resumo podem ser aplicadas em qualquer curso, iniciamos pela seleção de pequenos textos (no máximo duas páginas) que abordam temas atuais da área que o estudante cursa. Progressivamente são incluídos textos mais longos, na maioria das vezes, indicados pelo docente de outra disciplina. A seguir, apresentamos, passo a passo, a técnica utilizada:

- a) leitura do texto sem interrupção, com a preocupação de responder à pergunta: do que trata o texto?
- b) nova leitura do texto, com interrupções a cada parágrafo, grifando as palavras desconhecidas, constituindo seu dicionário pessoal, tentando entender o sentido das frases mais complexas, como as frases longas, com inversões ou com elementos ocultos;
- c) organização das idéias centrais dos parágrafos em tópicos frasais. Cada nova idéia é elaborada em forma de tópico frasal, evitando ao máximo os adjetivos, construindo tópicos os mais sintéticos possíveis;
- d) reunião dos tópicos frasais em um único parágrafo, obedecendo a ordem em que as idéias e/ou fatos foram citados no texto original;
- e) leitura desse agrupamento de tópicos e discussão sobre a necessidade de elementos de coesão para a constituição de um texto coerente;
- f) reescrita do parágrafo introduzindo os elementos de coesão entre os tópicos frasais, buscando tornar aquele ajuntamento de períodos um texto coerente;
- g) análise lingüística do resumo, apontando os problemas que estão impedindo que o texto esteja escrito na língua culta e de forma coerente e coesa;
- h) reescrita individual: momento para analisar o texto e corrigir os aspectos apontados pelo professor como deficitários.

O tópico frasal sintetiza a idéia central do parágrafo, detém-se no conteúdo do texto e auxilia o leitor a captar o fio do raciocínio do escritor.

Gostaríamos de enfatizar que todo esse movimento, que demanda tempo e paciência do docente, é normalmente feito com dois textos, aproximadamente em 4 encontros. No terceiro texto a ser resumido, os estudantes já conseguem compreender a sistemática do resumo e, à medida que se pratica esse exercício de leitura e escrita, a organização dos tópicos frasais acontece de forma mais lógica e coesa.

Um dos equívocos mais citados pelos acadêmicos, ao serem questionados a respeito das orientações que recebem de seus professores para a execução do resumo, é a solicitação para o escreverem segundo o que compreenderam do texto.

Essa posição instaura o incômodo de que aos acadêmicos é possibilitado escrever apenas o que compreenderam, devendo ignorar e ocultar os pontos de dúvida na interpretação textual. Esta atividade não pode ser confundida com o resumo; ela pode ser desenvolvida com outro objetivo, o de possibilitar um diagnóstico dos conceitos não aprendidos, daquilo que o docente precisa retomar com seu grupo.

Um dos pontos mais importantes de todo esse processo é a atividade de reescrita. É durante esse processo que o sujeito poderá se auto-avaliar e perceber seu desenvolvimento, retomar a leitura do texto, reformular suas análises, tecer outros comentários e explicações, perceber e selecionar os problemas mais comuns do texto, fazer uso de sua memória e de quaisquer outros mecanismos de produção de informações para avançar. É na oportunidade de compreender porque seu texto está inadequado aos aspectos sistemáticos da língua que ele pode melhorar sua produção textual.

O processo de reescrita do resumo exige dois movimentos: a) de revisita à estrutura do texto (seus aspectos formais) b) de revisita aos conteúdos do texto. Um resumo que apresenta fragilidades indica que o leitor pode: a) ter compreendido o texto, porém não possui a habilidade da escrita desenvolvida; b) não compreendeu o texto e, portanto, não conseguiu resumi-lo, mesmo tendo habilidades desenvolvidas para a escrita; c) não compreendeu o texto e não conseguiu escrevê-lo por falta de habilidades de leitura e de escrita. No primeiro caso, o estudante é um leitor, mas por falta de exercício não desenvolveu as habilidades necessárias para a escrita, pois esses dois processos, apesar de estarem inter-relacionados, não são dependentes. É o caso mais comum: os estudantes lêem, mas possuem muita dificuldade na produção textual. Podemos ter um bom leitor, mas com sérios problemas de escrita. No segundo caso, nos deparamos com o problema da competência de leitura, que pode ser solucionado com um estudo dirigido do texto. Em ambos os casos, o exercício dos tópicos frasais auxiliará muito. No terceiro caso, faltam habilidades para a leitura e para a escrita: um caso que vai exigir mais empenho de ambos, professor e aluno.

A reescrita é fator preponderante para a superação desses problemas. O processo de reescrita é dependente do processo de análise lingüística que cabe ao docente orientar com sinalizações no próprio texto. Esta “não deve ser entendida como a gramática aplicada ao texto, como supõem os autores de livros didáticos, [...] porque o objetivo fundamental é a construção de conhecimento e não o reconhecimento de estruturas.” (BRITTO, 1997, p. 164). A prática da análise lingüística se caracteriza pela retomada dos pontos a serem melhorados, tendo como material de pesquisa dicionários e gramáticas. Essa prática se fundamenta no princípio do erro produtivo, ou seja, parte-se de uma estrutura lingüística fragilizada para diminuir os desvios da língua padrão e alcançar um padrão mais aceitável de comunicação escrita. “Essencialmente, a prática da análise lingüística não poderá limitar-se à higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a ‘correções’. Trata-se de trabalhar

com o aluno o seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores a que se destina.” (GERALDI, 1999, p. 74).

Todo o movimento aqui descrito demanda tempo, mas é um processo que leva os estudantes à consciência e superação de suas dificuldades. É importante estarmos cientes que não é responsabilidade apenas do profissional da área de Letras o desenvolvimento das habilidades necessárias para a leitura e a escrita. Podemos tentar criar novos hábitos de estudo oferecendo instrumentos para nossos estudantes poderem desenvolver um trabalho intelectual mais consistente, norteado por práticas de leitura, pesquisa e produção, características da formação superior.

#### 4 Considerações finais: por um trabalho de interpretação textual

Freqüentemente os textos dizem mais do que o que seus autores  
pretendiam dizer, mas menos do que muitos leitores  
incontinentes gostariam que eles dissessem.  
Umberto Eco

Nossa pesquisa visou levantar possibilidades que auxiliassem as condições de produção de leitura e escrita de nossos estudantes. Além de ela atender um aspecto de funcionalidade, que permite instrumentalizar melhor os acadêmicos e professores, mostra-se pertinente porque “é através de processos de interpretação que, cognitivamente, construímos mundos, atuais e possíveis”.(ECO, 2004, p. XX).

Partimos do princípio que todo texto possui um sentido literal das formas lexicais, que é aquele sentido que permite tratar a língua como um sistema, garantindo sua unidade, entender e nos fazer entender apesar das variações lingüísticas. Esse pressuposto, no entanto, não significa que privilegiamos a análise do texto como objeto que é passível de ser descrito por meio de suas características apenas estruturais, nos enredando num clima estruturalista. Também não estamos obnubilando a língua de sua estrutura polifônica nem negligenciando os fundamentos da teoria da recepção, que delegou ao leitor responsabilidade na construção da obra por meio das significações por ele atribuídas.

Procuramos balizar as concessões excessivas que são permitidas ao intérprete sob a égide da *intentio lectoris*. Ao elaborar um resumo, cabe ao leitor se ocupar com a *intentio operis*, independente da *intentio auctoris*, isto é, todo leitor fará uma interpretação da obra lida, mas ela necessita estar amparada em evidências semânticas concretas, pois o texto, apesar de sua abertura de significação, é composto por um sentido literal que será comum a qualquer sujeito leitor.<sup>1</sup>

Segundo Eco (2004), existe um equívoco acerca da interpretação textual, pois mesmo um texto considerado aberto a múltiplas interpretações não permite inferências

---

<sup>1</sup> Essa terminologia é usada por Umberto Eco (2004) significando intenção do leitor (*intentio lectoris*), intenção da obra (*intentio operis*) e intenção do autor (*intentio auctoris*).



infinitas, uma leitura qualquer, “um texto é um organismo, um sistema de relações internas que atualiza certas ligações possíveis e narcotiza outras.” (ECO, 2004, p. 81).

Mesmo que o contexto do leitor o leve a produzir significações nunca imaginadas pelo autor do texto, existem estruturas textuais que levarão os leitores a compartilhar significações comuns, que são imanentes a nossa vontade de leitores, e são elas que põem as interpretações à prova. “Os limites da interpretação necessitam estar alinhados com os direitos do texto” (ECO, 2004), porque o convite à liberdade interpretativa é dependente da estrutura da obra, o que nos leva à defesa do sentido literal em detrimento das inferências não autorizadas pelo texto.

A diferenciação entre leitor semântico e leitor crítico, estabelecida por Eco (2004), pode elucidar melhor esta questão. A interpretação semântica (ou semiósica) é aquela que está disponível ao leitor de forma linear, que pode ser encontrada nos dicionários, que independe do contexto do leitor, é a base para “saltos interpretativos mais ousados”. A interpretação crítica (ou semiótica) é mais elaborada, pois ela parte da interpretação semântica e avança para os intertextos do texto, por sua estrutura ambígua, e o leitor, neste caso, procura no texto a coisa dentro da outra, desvelando uma leitura politópica e dinâmica, colocando-se frente a um quadro de ilusões e especulações semânticas, lembrando a máquina de metáforas de Athanasius Kircher<sup>2</sup>.

Barthes (1992), ao conceituar o texto como uma galáxia de significantes, um texto que permite que o “jogo infinito do mundo” seja descortinado pelas mãos do sujeito que lê, alimenta a idéia de Genette (1982), de um texto plural, processo de escrita em rede, que sempre se articula com outros textos, “levando a outros sentidos exteriores do texto material”. O texto não é visto como uma estrutura de significados legíveis, mas um texto escrevível pelas mãos do sujeito que lê. Essa concepção de texto provoca o fermentar de outros textos, reforçando a posição do leitor, no centro ativo da esfera textual, a idéia de que uma obra se constrói a cada momento em que é usufruída, podendo produzir novos sentidos. Todavia, é bom notar que toda inferência dessa natureza parte da interpretação semântica, literal. Qualquer interpretação que pareça plausível em determinada parte do texto necessita ser confirmada em outro ponto dele, pois o texto é um todo orgânico e obedece a uma estrutura circular que vai sendo tecida para validar-se. É, pois, o princípio da não-contradição. É isto que Eco chama de *intentio operis*.

A concepção da obra como uma pluralidade de significantes, que encontra autonomia ao pousar nas mãos do leitor, possibilitou uma desmedida autonomia de

---

<sup>2</sup> “No século XVII, entre as estranhas máquinas do jesuíta alemão Athanasius Kircher, destaca-se uma ‘Máquina de metáforas’. Esta é uma fábrica de imagens e metamorfoses: ‘debaixo de um espelho, escondido sob um móvel em forma de baú, enxerga-se um cilindro contendo diversas imagens. Quando o visitante se olha no espelho colocado sobre o móvel, ele recebe várias formas: sol, animal, esqueleto, planta ou pedra. Tudo é comparável a tudo.’ A máquina permite deformar, transformar e reformar o semblante do homem, criando pela técnica imagens artificiais”. In: MIRANDA, Wander Melo de. “Ficção virtual”. **Revista de Estudos de Literatura**, Belo Horizonte, v.3, p. 9, 19 out. 1995.

interpretação, levando a atos de excessiva liberdade. A dialética entre obra e leitor exige uma tensão de distância e proximidade, porque ela é o resultado de um programa previamente construído para estimular o mundo do leitor a emergir, norteado pelas pistas textuais, que demarcam o espaço do sujeito na cadeia semiótica da obra. Ao centrar-se na técnica do resumo, o leitor atenta para a estrutura semântica do texto e busca a confirmação de suas conjecturas, evitando seu uso inadequado, buscando um equilíbrio entre a *intentio lectoris* e a *intentio operis*, uma operação que não é nada fácil, pois exige um vigiar constante, um olhar atento para o texto. Olhar que Riobaldo nos ensina a desfechar quando nos diz: “mire e veja”. A leitura nos exige um exercício de fidelidade. Sem ela não conseguimos efetuar a travessia.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028**: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

BARTHES, Roland. **S/Z**: uma análise da novela Sarrasine de Honoré de Balzac. Tradução de Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. São Paulo : Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FERRI, Cassia; HOSTINS, Regina Celia Linhares; LEAL, Elisabeth Juchem Machado. **Pesquisa na universidade**: elaboração de projetos e relatórios. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2004.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes**: la littérature au second degré. Paris: Seuil, 1982.

GRANATIC, Branca. **Técnicas básicas de redação**. São Paulo: Scipione, 2000.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas: estratégias de leitura, como redigir monografias, como elaborar *papers*. São Paulo: Atlas, 2000.

MIRANDA, Wander Melo de. “Ficção virtual”. **Revista de Estudos de Literatura**, Belo Horizonte, v.3, p. 9, 19 out. 1995.

SEVERINO, Antonio Joaquim. 21.ed. rev. e ampl. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002.